

A dor no corpo do ser mulher

Prof. Ms. Fábio Vasconcelos*

Resumo: Este artigo tem como objetivo inferir os cruzamentos entre as linguagens subjacentes nos contextos bíblicos quando se trata da questão gênero. Propõe o mesmo, evidenciar as lutas das mulheres pela suas conquistas de espaços, investigando os relatos de suas experiências e dores marcadas em seus “corpos-tecidos-textos-bíblicos”. Nesses registros há revelação das denúncias e desnaturalização do imaginário apresentado sobre suas identidades.

Palavras chaves: mulher, dor, gênero, Bíblia

*A dor não é, em si mesma, um mal a ser evitado a todo custo.
Pelo contrário, a dor é um professor com quem podemos aprender muito.
Pessoas abertas ao crescimento não se ressentem com a pedagogia da dor
e estão dispostas a mudar através dela.*
John Powell¹

A dor é mesmo um mal necessário? É sinal de nossa limitação e não temos como sair dela? É imposição muitas vezes do opressor sobre o oprimido? A epígrafe nos leva a interrogar: Qual é o possível discurso que nos é passado sobre a figura feminina nos livros da Bíblia. Propomo-nos a discorrer sobre a mulher no contexto do mundo bíblico, pois a coleção de livros que a compõe tornou-se referência como um dos meios de comunicação de Deus para com a humanidade. Apesar das limitações dos textos contidos na Bíblia, ela é considerada como a carta de Deus aos homens, escrita a partir da experiência humana. Como instrumento comunicativo de Deus, esta carta é também limitada se partimos do princípio de que a comunicação de Deus se dá de diferentes modos, seja pela pessoa de Jesus Cristo, pela natureza como obra do criador, pelo homem, pelos avanços da ciência e

da tecnologia, nos acontecimentos cotidianos da humanidade, enfim, até mesmo pela dor que a mulher tem carregado e suportado no seu “fazer história”.

É nesse viés que propomos nesse texto reflexivo algumas considerações, a partir de uma abordagem até então não muito familiarizada com a expressão Deus-Mãe e Pai. Como pode sendo Deus mãe permitir tanta violência contra o seu corpo composto de útero e compaixão? Talvez se justifique então aquele grito profético que sai da garganta para a alma: “Antes que eu te formasse no útero, te conheci; e antes que tu saíesses do útero, te consagrei”². De acordo com a fé do povo de Israel, o ventre da mulher, o útero pertencia e pertence a Deus. Ele não somente o criou como também age com todo poder de fechar ou abrir o útero. É o próprio Deus que recebe como parteira, na hora do parto, o ser humano ao sair do útero.

És tu quem me tirou do ventre
e me confiou aos peitos da minha mãe.
Fui entregue a ti desde o nascimento,
desde o ventre materno, tu és o meu Deus.
Sl. 22,10s³

Por isso a criação misteriosa do ser humano no útero é um verdadeiro milagre da vida que evoca admiração e gratidão.

Tu formastes meus rins, tu me tecestes no seio materno. Eu te agradeço por tão grande prodígio, e me maravilho com tuas maravilhas! Conhecias até o fundo de minha alma, e meus ossos não te eram escondidos. Quando eu era formado, em segredo, tecido na terra mais profunda, teus olhos viam minhas ações, e eram todas registradas em teu livro. Os meus dias já estavam calculados antes mesmo que chegasse o primeiro. (Sl. 139,15-16)⁴

A poetisa Angélica Pereira, escrevendo uma bonita mensagem à sua amiga expressou a situação do colo materno, ou seja, como o útero sendo a sede agasalhadora de fortes emoções, contrapondo a antropologia bíblica, misógina e sexista. Ela captou em seu poema o simbolismo da letra grega ômega. Forte símbolo israelita. “Colocavam-se nos túmulos bancos de pedras as cabeças dos mortos dentro um grande sinal em alto relevo, na forma de ômega, que simbolizava o útero. Desta maneira, no fim de sua vida, o ser humano voltava ao aconchego do colo da terra.” (SCHROER, 2008 p.156)⁵. Ômega e útero/

bênção e compaixão. No fim de nossas vidas, voltaremos ao aconchego do colo da terra rico de bênçãos.

MARIA DO TEU EVANGELHO

À NANCY CARDOSO PEREIRA

Tua Maria
me arrepia
desafia
corta, recorta, entorta
poesia
recria
minha sagrada Maria.

Caem véus de virgindade
dogmas de cristandade.

Revela-se nua
inteira
verdadeira
prazenteira
maria-mulher-parideira
da nova humanidade.⁶

É um poema para se admirar e pensar nas parideiras do mundo de Deus. Filosoficamente: “admirar”. Trazer a realidade para dentro de si, contemplar, trabalhar no seu interior essas maravilhas e depois num grande espanto, fazer eclodir em êxtase, jogando para fora, num gesto de parir, enriquecedora realidade ao seu redor, o fruto deste “admirar”.

Filosofar é pensar o que já sabemos; reavivar a lembrança de que sempre existe um não dito no dito e um silenciado no falado. Num posicionamento de abertura constante a novas possibilidades ainda percebidas nos debruçamos nos textos bíblicos sobre a constituição da mulher. Qual é o seu imaginário e como está sendo constituída no caminhar da história dos homens? 2

Muitas vezes, as interpretações bíblicas sobre a mulher vêm carregadas de uma visão sexista, e com uma força muito forte chegando até a deixar marcas profundas em seus corpos. Os textos bíblicos sobre a mulher, numa releitura crítica e aprofundada, são dolorosos a ponto de produzirem lágrimas de dor na pele e na alma porque são violentos e

violentadores. O presente texto não deixa de ser um convite ao eleitor para um mergulho existencial e para sentir na pele o peso da dor no corpo da mulher por causa dessas interpretações. Pensamos que para a leitora o mergulho será de fácil trajetória; já para o leitor, tal façanha só será possível com ajuda de instrumentos fornecidos e extraídos do cotidiano feminino. Sem essa ajuda, os detentores da androgenia continuam a produzir violências e injustiças em relação ao gênero. Por que será que os homens de bem, e muitas vezes considerados bons cristãos no mundo de cultura ocidental praticam a violência contra as crianças e mulheres? Façamos aqui um corte da história da humanidade e atemo-nos somente no espaço geográfico ocidental. Também, em outras partes do planeta, a situação parece idêntica, mas por questões culturais o olhar se volta para o nosso entorno. A leitura e interpretação de textos bíblicos nessa ótica têm algo a ver com tudo isso. Como suavizar ou minimizar tais situações se considerarmos Deus Mãe e Pai? Um caminho é preciso percorrer com firmeza nos passos, com olhos atentos e voltados para a realidade e realimentados com posicionamentos críticos nesta caminhada.

Um indicativo para iniciar essa caminhada seria analisarmos e sentirmos de perto o clamor de um grito sufocado a partir dos registros de Memórias e Experiências. O texto não apresenta diretamente a realidade, mas a reconstrói com consoantes condicionamentos histórico-sociais e expectativas culturais capazes de iluminar o cenário que nos orienta nessa travessia. Transitaremos nos caminhos da pesquisa quantitativa e bibliográfica. Como as mulheres estão registrando hoje suas experiências tendo como pano de fundo a bíblia?

Buscando respostas, as imaginemos contando suas histórias trazidas em seus corpos sinalizando retalhos da vida, cobrindo suas nudezas vestidas de uma saia longa cheias de bolsos e, dentro dos mesmos, pequenos pedaços de papel com recortes de suas histórias pessoais. A cada papel tirado, uma história de fundação e fundamentação com o desejo de refundação. Escutando em silêncio suas histórias, é como se o (a) ouvinte estivesse aceitando o convite para problematizar a realidade. Refutar o que é dito e escrito. Retomando ao pensamento anterior já citado: “Não dito no dito e um silenciado no falado”. Não aceitar a realidade como ela está dada. Com suas histórias, elas insistem em nos ensinar que o imaginário de ser mulher aponta que certas características apresentadas na sua constituição não são verdadeiras, são apreendidas como coisas naturais, que a realidade vivida é naturalizada. Pensar e acreditar que a mulher nasce já com uma determinada forma e com o jeito próprio de ser são coisas apreendidas. Um dos papezinhos tirados de seu bolso aponta para os instrumentais de gênero e nos convida a desaprender certas características, certas atitudes sobre a mulher e nos exorta a reapropriar-mo-nos da palavra como ferramenta de múltiplas possibilidades.

Para compreender o processo de desaprender é preciso suspeitar de tudo que pensamos saber e ter a liberdade de fazer perguntas. Desconstruir constantemente. É nosso dever e direito suspeitar daquilo que nos é apresentado, no nosso caso, do texto bíblico sobre a mulher. É preciso ler o texto nas suas diferentes traduções e perceber as diversidades e diferenças nessas traduções. Precisamos fazer perguntas como: onde acontece o fato? Quando aconteceu o fato? O que diz o autor e o texto? O que se diz da pessoa que fala do texto? Usando esse movimento de questionamento iremos perceber e descobrir ao mesmo tempo erros e equívocos sobre o conhecimento do texto bíblico.

Tome-se por exemplo a situação da mulher no primeiro livro da Bíblia nos capítulos 2 e 3. Qual sua importância na história do judaísmo primitivo e para o mundo do cristianismo? A mulher em momento algum dos textos dos capítulos citados é uma criatura secundária da criação. Em hebraico *ish* – “homem” recebe sua identidade sexual apenas pela criação de uma *ishah* – mulher quando se fala do *Adam*, “terrestre”, sem qualquer definição sexual. Ela é levada ao homem como seu semelhante e auxiliar. Constituíam um costume dos povos do local onde brotou essa narrativa, as organizações matrilineares, nas quais o homem passa a morar com a família da mulher. Não se sabe bem a data exata do surgimento dessas narrativas, mas apontam os pesquisadores que foram escritas na época da monarquia.

A narrativa javista, uma das fontes do livro de Gênesis, quando fala das origens, insinua que Adão e Eva significavam personagens corporativos. Personagens corporativos aparecem várias vezes nas tradições bíblicas (Moisés como representante do Supremo Tribunal de Jerusalém, Aarão como representante da classe sacerdotal, *Miriã* talvez entre nessa representação como a mulher questionadora junto às autoridades e *Sifrá e Pua*, como representantes da categoria das parteiras). Adão representa o camponês israelita que, com sofrimento, tira o fruto da terra. Eva é o protótipo da mulher israelita cuja vida é marcada e ameaçada por gravidezes. Por que o texto silencia então Eva numa sociedade aldeã agrícola, sem considerá-la também uma camponesa da roça? Por que silenciaram o trabalho da mulher? Parece que homem e mulher, segundo o texto bíblico, não são atingidos com a mesma dureza na luta pela existência. A mulher é atingida duplamente, apesar do vínculo e afeto caracterizados na sociedade de Israel. Seu castigo foi mais severo.

Olhando por outro prisma numa narrativa mítica, a mulher assume o papel de conselheira. Ela é ativa (viu que o fruto era bom). O homem reage a seus estímulos (o fruto era uma delícia e ele comeu também). Ela se interessa por aquilo que é proibido, por coisas que vão além da mera sobrevivência: vida sem morte e sabedoria. Ela toma suas decisões. A esposa israelita exerce o papel de conselheira do marido e tal exercício era considerado

como algo importante em sua vida.

Ilustrando o pensamento acima sobre Adão e Eva, tomemos a citação bíblica de fonte javista sobre a origem do mal.

Então a mulher viu que a árvore tentava o apetite, era uma delícia para os olhos e desejável para adquirir discernimento. Pegou o fruto e o comeu; depois o deu também ao seu marido que estava com ela, e também ele comeu. Então abriram-se os olhos dos dois, e eles perceberam que estavam nus. (Gên. 3,6-7)

É importante também fazer interleitura do texto. Não basta falar ou perguntar qual a mensagem do texto; o que ele nos diz na realidade de hoje. São muitas perguntas e respostas além dessas apontadas, porque outras poderão surgir, quando uma pessoa que faz a leitura de um texto a faz considerando sua cultura e leva em conta aquilo que aprendeu.

Na cultura israelita essa posição poderosa da mulher de ser conselheira desempenhando o papel de rainha-mãe acabou sendo, com certeza, hostilizada pelos homens israelitas. Justifica-se então a descrição de uma má conselheira, cujo conselho não leva à salvação, mas à desgraça de todos.

No processo de desconstrução é necessário perguntar qual o ambiente. Os textos bíblicos foram escritos num regime patriarcal, androcêntrico, eurocêntrico e kyriocêntrico em que a relação de dominação, os conflitos e os interesses de quem escreveu ficam bem claros, é o homem branco, europeu, o centro de tudo.

Desde pequena, a mulher foi educada e acostumada a crescer como boa menina e comportada, sem suspeitar das relações construídas em uma sociedade patriarcal sem ter liberdade para dar suas respostas parciais; liberdade de encontrar a autoridade bíblica no seu corpo de mulher e nas suas relações cotidianas e políticas em defesa da vida.

A desconstrução é possível a partir de uma leitura crítica do texto. É preciso desconstruir para se chegar mais próximo de uma experiência originária e contribuir para uma construção crítica. Desconstruir para chegar perto da realidade de quem escreveu o texto; desconstruir para reinventar suas experiências; desconstruir para que os textos façam bem para nossos corpos e relações. Agindo assim, iremos perceber as ausências e os silêncios, bem como os conflitos que aparecem e que vão se constituindo. É preciso encontrar os silêncios e as ausências e fazer falar esses silêncios.

Nos exemplos de mulheres bíblicas citadas sentimos necessidades de recriar com

liberdade, re-escrevendo suas histórias, festejar com a mesma vibração de Mírian tocando tamborim após entrada de seu povo à terra prometida, como se estivesse no meio de uma escola de samba; com a mesma força e vigor de Débora, a juíza vitoriosa de suas conquistas e tantas outras mulheres fortes. Celebrar com os textos bíblicos como forma de vislumbrar o caminho e encontrar neste caminho o sagrado revelado na vida da mulher cotidiana e política a exemplo de Raab.

Seus corpos pessoais, comunitários, cotidianos, sociais e políticos são tecidos-textos, corpo tecido vivo, pois é a alma escrita sobre a pele, numa mistura de pele e alma. São corpos “tecidos-textos-bíblicos” que tocam e permitem ser tocados com sutileza pelo amor e prazer, mas que permitem também toque de tristezas e dores. São corpos sofridos, entristecidos cujas experiências continuam, na peleja da vida, parindo fé, esperança. São corpos de vida manifestando o lindo sonho de Deus. A cada batida de seu coração são ecos distantes das vozes de um mundo diferente onde a bandeira da paz está chegando. Cabe aqui a lembrança de Cora Coralina no seu texto sobre a Mulher, extraído do poema **Saber Viver**: “Colo que acolhe, braço que envolve, palavra que respeita, alegria que contagia, lágrima que corre, olhar que acaricia, desejo que sacia, amor que promove”. É através de seus corpos que elas continuam no seu cotidiano a buscar, perder, encontrar, reencontrar, recordar, escrever, discordar, apagar, lidar com diferentes amores, a gerar vida numa mistura inteligente do seu jeito de ser com entranhas de mulheres, sejam elas as Madalenas, as Marias vivas, as históricas, às vezes lendárias, e outras tantas amadas e valorizadas por Jesus de Nazaré.

Referências bibliográficas

POWELL, Jonh. **O segredo do amor eterno**. Belo Horizonte: Editora Crescer, 1990

SCHROER. Silvia. **Exegese feminina: resultados das pesquisas bíblicas a partir da perspectiva das mulheres**. São Leopoldo: Sinodal., 2008

ALMEIDA. Angélica Pereira. **Poema a uma amiga**, mensagem recebida por vascofab@terra.com.br.

¹ POWELL, John. *O Segredo do Amor Eterno*. Belo Horizonte: Editora Crescer, 1990

² Do livro bíblico Jeremias cap. 1,5. Bíblia de Jerusalém

³ Salmo 22 versículo 10 s. Bíblia de Jerusalém.

⁴ Salmo 139 versículos de 15 a 16. Bíblia de Jerusalém

⁵ SCHROER, Silva. *Exegese feminina; resultados de pesquisas bíblicas a partir da perspectiva de mulheres*, São Leopoldo : Sinodal, 2008

⁶ Angélica Pereira de Almeida é uma poetisa de Araxá(MG). Ainda não publicou em editora o poema acima. Autorizada citação por email.

⁷ Saber viver de Cora Coralina encontrado no site : http://www.pensador.info/p/cora_coralina_poema_mulher/1/

*** Fábio Vasconcelos**

Centro Universitário do Planalto de Araxá - Uniaraxá

Currículo - <http://lattes.cnpq.br/2208259105562713>

Endereço eletrônico: vascofab@terra.com.br

Abstract: This article has the objective to relate the connections between the subjacent languages in the Biblical contexts when we mention the gender. It emphasizes the fight of women for their rights and spaces, relating the reports of their experiences and pains showed in the behavior of their “bodies-built in-biblical texts. In these reports, they show the revelations and the reports of the imaginary women’s identities.

Key-words: women, pain, gender, Bible.
